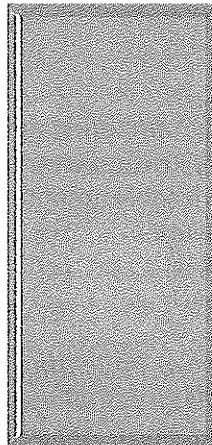


José Gaspar O. Nascimento (\*)

## *Principais fundamentos do estruturalismo lingüístico*

(\*) Coordenador do Curso de Letras da Universidade de Sorocaba – Uniso. Doutorando em Lingüística Geral e Semiótica pela Universidade de São Paulo - USP.



## RESUMO

O presente artigo pretende apresentar uma visão geral dos fundamentos da lingüística estruturalista, tendo como ponto de partida as teorias saussureanas e os desdobramentos delas decorrentes quer na Europa, quer na América do Norte.

## *ABSTRACT*

*This paper aims at presenting a general overview based on the grounds of the structural linguistics. The saussurean theories and their development, both in Europe and North America, are the starting point for this study*

A Lingüística Estruturalista teve seu início com o *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure. Com ele, a Lingüística ganhou um objeto específico: a língua.

As teses centrais do CLG são as idéias acerca: a) do valor relacional dos elementos lingüísticos; b) da auto-suficiência do sistema; c) da necessidade de se dissociar uma lingüística dos estados (sincrônica) do âmbito da lingüística evolutiva (diacrônica); d) da natureza dos signos; e) da distinção *langue/parole*.

## 1. Linguagem, *langue* e *parole*

Para Saussure, linguagem humana é a capacidade que o homem tem de comunicar-se com seus semelhantes através de signos verbais. É, pois, uma abstração que abrange fatores físicos, fisiológicos e psíquicos.

*Langue* é o próprio sistema da língua: conjunto de regras que determinam o emprego dos sons, das formas e das relações sintáticas, necessárias para a produção dos sentidos. Ela é um sistema supra-individual, definida pelo grupo social ao qual o indivíduo pertence: “a língua é um conceito social” (Saussure, 1972:37). Por isso, cada língua se diferencia das outras pelos seus sons específicos e pela organização peculiar desses sons em formas funcionais.

Já que a língua é um bem social, um contrato coletivo, ela preexiste e subsiste a cada um de seus falantes: cada membro de uma comunidade lingüística já encontra, ao nascer, formada e em pleno funcionamento, a língua que deverá falar, um código a ser usado obrigatoriamente para emissão da mensagem.

Saussure compara a língua a um dicionário, cujos exemplares tivessem sido distribuídos entre todos os membros de uma sociedade. Cada indivíduo serve-se desse dicionário, que é a *langue*, faz a escolha daquilo que lhe serve aos seus propósitos imediatos de comunicação.

Essa parcela concreta e individual da *langue*, posta em ação pelo falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, chamou-a Saussure de *parole* (fala, discurso), cuja característica essencial é a liberdade de combinações. A *parole* aparece aí como uma combinatória individual que atualiza elementos discriminados dentro do código: assim, a *langue* é a condição para a existência da *parole*.

Em síntese, para Saussure, a linguagem é a soma da língua e da fala.

A dicotomia que Saussure batizou de *langue/parole*, Hjelmslev batizou de *esquema/uso*, Jakobson fala em *código/mensagem*, Chomsky, em *competence/performance*. Na verdade, a distinção saussureana entre *langue/parole* tem sido objeto de discussões polêmicas que, a seguir, se apresentam.

### *1.1. Incoerências e contradições dos enunciados acerca da langue e da parole*

Coseriu (1979:18) elenca uma série de definições que reelaboram os dois conceitos saussureanos.

Jespersen define língua como “espécie de plural da fala”, “linguagem coletiva”, “o conceito comum que se extrai das linguagens individuais”, e a língua de um povo seria “o conjunto de hábitos pelos quais os membros desse povo costumam comunicar-se com os demais” (1947:25). A fala seria o funcionamento lingüístico momentâneo do indivíduo, em maior ou menor conformidade com o uso lingüístico das pessoas que o rodeiam.

Para Harold Palmer, a fala é o conjunto de atividades físicas e mentais implicadas no ato pelo qual uma pessoa comunica a outra um determinado conceito (pensamento, emoção ou noção); a língua é o conjunto de convenções adotadas e sistematizadas por uma massa socializada de usuários da fala a fim de assegurar a inteligibilidade para todos. Em outras palavras, a fala é um jogo de atividades pessoais, enquanto a língua é um conjunto de convenções.

Charles Bally interpreta a distinção saussureana como oposição entre acervo lingüístico social (língua) e funcionamento lingüístico individual (fala) e a aceita formalmente como tal: a *parole* é a língua em ação, a língua atualizada — “la langue en équilibre et en plein fonctionnement”. Bally, contudo, acrescenta a essa distinção uma nova oposição caracterizadora, de ordem funcional (intelectual/afetiva ou vital, objetiva/subjetiva): a língua, o sistema organizado, conteria os elementos tendentes à comunicação e compreensão do pensamento; a fala, ao contrário, seria instrumento da vida afetiva, expressaria sentimento e ação. Entre língua e fala haveria uma oposição ativa, uma verdadeira luta: por meio da linguagem afetiva elementos novos penetrariam continuamente na língua. Outra idéia importante de Bally: a língua seria uma instituição social, mas também um sistema, em certo sentido, autônomo: “les changements qu’on observe dans

un idiome au cours du temps resultent en partie d'une orientation nouvelle des esprits, mais le système linguistique, à lui seul, lancé dans une certaine direction, peut se développer de façon autonome, et, par contre-coup, modérer la pensée collective d'une façon nouvelle". (1950:15)<sup>1</sup>.

Walter Porzig (1950) considera *langue* — acervo lingüístico — como uma série de imagens mnemônicas e hábitos acumulados na consciência do falante, que é condição do falar. A língua de uma comunidade seria, por um lado, a soma dos atos lingüísticos nela concretamente comprovados; por outro lado, a soma dos vários acervos lingüísticos individuais. Ocorrem, portanto, três conceitos de língua bem distintos: a) soma de atos lingüísticos concretos; b) condição de todo ato lingüístico individual; c) sistema isoglóssico que reúne os aspectos comuns dos acervos lingüísticos individuais dos falantes de uma comunidade.

Alan H. Gardiner (1951) assevera que a oposição fundamental entre língua e fala se estabelece entre a atividade lingüística e um saber que é, ao mesmo tempo, condição e produto dessa atividade. Enquanto a língua tem caráter geral e abstrato, a fala é particular e ocasional. A antítese entre língua e fala é, pois, absoluta. Entretanto, língua e fala são interdependentes e, mais ainda, acham-se intimamente entremisturadas.

A. Sechehaye (1940) afirma que se a fala concreta é a realização da língua, é expressão com meios idiomáticos; logo, já é, de alguma maneira, língua.: daí a distinção entre "fala propriamente dita", mero impulso expressivo e, por conseguinte, fenômeno pré-lingüístico, e "fala organizada", etapa indispensável entre a língua como sistema estático e a língua como evolução.

Acrescentem-se, aos conceitos já enunciados, outros que interpretaram, desenvolveram e superaram Saussure. Entre os estudiosos que se dedicaram à pesquisa entre *langue* e *parole*, destacaram-se: a) psicólogos da linguagem, como Delacroix (1930), segundo o qual a língua é um conjunto de convenções lingüísticas que corresponde a um nível de espírito, a um momento de desenvolvimento do espírito e da civilização, uma forma ideal que se impõe a todos os indivíduos dum mesmo grupo social; b) Bühler (1934), para quem as línguas são sistemas de formas lingüísticas, e estas são espécies, objetos do tipo das idéias platônicas, classes de classes, como números; c) glotólogos estruturalistas e funcionalistas, como os fonólogos da escola de Praga, e, em particular, Trubetzkoy (1949), para quem

<sup>1</sup> C. Bally, *Linguistique Générale et Linguistique Française*. 3. ed. Berna: 1950.

a língua é caudal lingüístico existente na consciência dos falantes: “la langue existe dans la conscience de tous les membres de la communauté linguistique en cause et elle est le fondement d’innombrables actes de parole concrets”. (1949:1-3)

O próprio Coseriu tem sua “versão” sobre língua: “... nosso conceito de língua não coincide de nenhum modo com o enunciado por Ferdinand de Saussure e seus continuadores: para nós “língua” situa-se num momento ulterior à análise da linguagem como fenômeno concreto e corresponde mais à lingüística histórica que à teórica.”<sup>2</sup>.

## 2. Forma e substância

Lopes (1981), ao se referir a forma e substância, afirma que o problema da dicotomia *langue/parole* está intimamente relacionado com o problema do *valor*: a língua é um sistema de valores, onde cada elemento se define em relação com outros elementos.

De fato, segundo Saussure, a língua é *uma forma, não uma substância*, é um objeto de oposições; nela só é essencial que um signo não se confunda com outros. “Na língua não há mais que diferenças (...) um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinados com uma série de diferenças de idéias” e “num estado de língua tudo se baseia em relações” (Cours: 138-142). Tal interpretação é o fundamento e a razão de ser das orientações estruturalistas e funcionalistas.

Na lingüística norte-americana, a orientação estruturalista procede de E. Sapir e, principalmente, de L. Bloomfield, e, embora fundamentada em premissas totalmente distintas e independentes das de Saussure, emprega freqüentemente métodos análogos e chega a resultados praticamente idênticos aos do estruturalismo e funcionalismo europeus. Segundo os glossemáticos, a forma é uma estrutura ideal e constante, que se manifesta numa substância; para os bloomfieldianos, a forma é a estrutura mesma da substância, é uma porção de substância organizada: uma palavra, uma oração, realmente pronunciadas, são formas.

Em síntese, as analogias entre a lingüística saussureana e o estruturalismo norte-americano não são de índole teórica e doutrinal, mas de índole

---

<sup>2</sup> E. Coseriu, *Teoria da Linguagem e lingüística geral*. São Paulo: Presença/EDUZ, 1979, p. 16.

le prática e técnica; não são conceituais, mas metodológicas, pois, embora não partam de concepções iguais sobre a linguagem, chegam, como se disse acima, a resultados semelhantes acerca da substância e da forma.

### 2.1. *Forma e substância segundo Hjelmslev*

Dada a importância de Hjelmslev nos estudos do estruturalismo lingüístico, é oportuno apresentar a distinção que ele faz entre forma e substância.

Embora se diga, às vezes, que a distinção entre forma e substância tenha sido introduzida por Saussure, na verdade ele não o fez, apenas afirmou acerca do caráter estritamente formal da língua.

Hjelmslev assinala, em *Principes de Grammaire Générale*, que tal distinção já se encontra em H. Steinthal, G. von der Gabelentz e em Humboldt, sendo que este último opõe *form* a *stoff*. Nessa mesma obra aparece, pela primeira vez, ainda em termos não inteiramente claros e definidos, a distinção que o próprio Hjelmslev faz entre forma e substância: ora se entende por substância o material da linguagem, e por forma, as categorias gramaticais, ora parece que se opõe forma a significado, ou ainda que com este termo se entende aquilo que Humboldt chama de “forma exterior”, pois que, justamente, se lhe opõe o “aspecto”, os procedimentos, segundo uma discriminação estabelecida por A. Sechehaye. De qualquer modo, quando Hjelmslev fala explicitamente em substância, entende-se com isso apenas o aspecto fônico, uma substância que se considera de ordem lingüística: manifesta-se aqui uma oposição a Humboldt e a outros autores que consideram como *stoff* também os conceitos puros, substância de ordem psíquica. A forma pertence apenas ao significante e é objetiva, apesar de não compreender o convencional: os sons. O método proposto é o empírico e dedutivo.

A oposição a Humboldt é superada em *Omkring Sprogteoriens Grundlaegelse* (1943) pela aceitação dos pontos nos quais as teses de Humboldt voltam à doutrina de Saussure. Pode-se dizer que ocorre aqui um “retorno a Saussure”, ao texto do *Cours*.

O método agora é dedutivo. O conceito de forma estende-se para quem e para além das categorias gramaticais, e o conceito de substância, que compreende o formado pela língua, tanto no plano fônico quanto no plano conceptual, coincide inteiramente com o de Humboldt, ainda que se apresente sobre bases e em termos exclusivamente saussureanos. A distinção saussureana entre “plano das idéias” e “plano dos sons” redefine-se, em

Hjelmslev, em termos gerais, como distinção entre *plano do conteúdo* e *plano de expressão*.

Surge a novidade: em lugar de uma só forma entre duas substâncias, distinguem-se duas formas correspondentes às duas substâncias, a forma do conteúdo e a forma da expressão, sempre inseparáveis. Acrescente-se a isso o axioma saussureano de que a língua é uma forma e não uma substância, pelo que ambas as substâncias (do conteúdo e da expressão) são consideradas extralingüísticas.

Infere-se, pois, que forma e substância definem-se como o constante e o variável numa manifestação.

### 3. O signo lingüístico: significante + significado

“O que o signo lingüístico une não é uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica.” (Cours : 1972:98)

A imagem acústica não é coisa puramente física, mas o seu correlato psíquico, aquilo que evoca um conceito. Lopes (1981) diz que esses dois elementos (som com função lingüística e conceito) estão unidos indissolivelmente no ato da percepção e se reclamam reciprocamente. Daí que sempre que se refere ao conjunto conceito + imagem acústica vinculada, usa-se a palavra *signo*; sempre que se deseja isolar um ou outro aspecto do signo, designa-se conceito com a palavra *significado* e imagem acústica com a palavra *significante*.

Coseriu (1980) ensina que a distinção entre *significante* e *significado*, embora seja atribuída, a maior parte das vezes, a Saussure, na verdade tal distinção é muito antiga: “ela já aparece, com outras palavras, no Peri Hermenéias, de Aristóteles, que distingue o que está na voz (*tà en tè phoné*) daquilo que está na alma (*tà en tè psyché*). Tal distinção está explícita na gramática dos estóicos, que distinguem entre *semáionon* e *semainoúmenon* e, fora deste, (isto é, fora do signo), *prágma*, “coisa”. (1980:4)

#### 3.1. Da arbitrariedade do signo

Para Saussure, o signo lingüístico é arbitrário, isto é, não há nenhuma relação intrínseca ou de causalidade necessária entre os diferentes planos de expressão e o plano de conteúdo. Tal tese é controvertida, visto que, por



exemplo, nas onomatopéias o plano de expressão manifesta-se a partir dos sons evocados.

O que é importante destacar é que a substância do conteúdo e a substância da expressão não contam, como tais, para a fundação do signo e da função lingüística. O que importa é a combinação delas para criar uma forma, instaurando um sistema de valores.

#### 4. Sincronia e Diacronia

Para Saussure, são importantes os dois eixos sobre os quais se situam os fatos lingüísticos: o das simultaneidades e o das sucessividades. No primeiro (sincronia), o lingüista se interessa pelas relações entre fatos coexistentes num sistema lingüístico, tal como elas se apresentam num momento dado, fazendo abstração de qualquer noção de tempo. No segundo (diacronia), seriam objeto de estudo as relações que um fenômeno qualquer, localizado ao longo de uma linha evolutiva de tempo, mantém para com os fenômenos que o precedem ou o seguem na linha da continuidade histórica. Teríamos, então, a partir desses conceitos: descrição sincrônica (estrutural) e descrição diacrônica (histórica).

Coseriu (1980) novamente intervém para informar que a tese saussureana sobre diacronia e sincronia não é inédita. Diz ele que Gabelentz distingue explicitamente entre fatos simultâneos e fatos que se sucedem um depois do outro, em *A lingüística, seus objetivos, seus métodos e recentes resultados*, obra editada em 1891.

A propósito de diacronia, Malmberg (1969:22) diz que “a lingüística diacrônica (ou histórica) trata só dos câmbios sofridos pelo sistema (o conjunto de oposições, etc.), no curso da história”, idéia que ele reitera, como oposição conjunta do código (1969:276): “Do ponto de vista estrutural, a mudança lingüística é uma mudança de sistemas, de códigos, não de elementos isolados. A lingüística estrutural, portanto, considera a descrição sincrônica das etapas lingüísticas como uma condição prévia e necessária para a análise diacrônica.”

#### Conclusão

Poder-se-ia estender este trabalho tecendo considerações de outras diferentes versões acerca dos fundamentos do estruturalismo lingüístico, o

que o tornaria mais denso, mais circunstanciado. O objetivo, porém, foi outro: apresentar um rápido painel das teses saussureanas, seus desdobramentos epistemológicos, as anuências e discordâncias delas decorrentes.

### REFERÊNCIAS

1. COSERIU, E. Lições de lingüística geral. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
2. \_\_\_\_\_. Teoria da linguagem e lingüística geral. São Paulo: Presença/EDUSP, 1979.
3. LYONS, J. Introducción en la lingüística teórica. Barcelona: Teide, 1975.
4. MALMBERG, B. As novas tendências da lingüística. São Paulo: Nacional, 1969.
5. LOPES, E. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1981.
6. SAUSSURE, F. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1972.